

RECORDANDO ANTÓNIO MACHADO GUERREIRO

ILÍDIO DO AMARAL¹

Há pessoas que, não obstante terem passado pela vida de forma discreta, conseguiram marcar a sua presença, indelevelmente, nos espíritos dos que com elas tiveram a sorte de contrair laços de verdadeira amizade. Assim sucedeu com António Machado Guerreiro, que foi um dos pilares do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, onde muitos beneficiaram da sua inteira dedicação, competência e permanente disponibilidade, ao longo de muitos e muitos anos. Prezo-me de ter sido um deles e é com um forte sentimento de saudade que lhe dedico estas Recordações.

Os meus primeiros contactos com o Centro e com o Professor Orlando Ribeiro foram feitos, justamente, através do António Machado Guerreiro, quando aquele organismo ainda estava no segundo andar e mansarda de um edifício antigo da Travessa do Arco a Jesus, paralela à Rua da Academia das Ciências, onde partilhava o espaço com o Centro de Estudos Filológicos, que ocupava o primeiro andar e o rés-do-chão. Isso aconteceu em meados dos anos de 1950, quando a licenciatura de Geografia obrigava à frequência dos dois primeiros anos na Faculdade de Ciências, sendo indispensável obter aprovação em todas as disciplinas para se completar a licenciatura em Geografia já na Faculdade de Letras. Frequentava eu o segundo ano, como aluno voluntário (porque trabalhador estudante), quando, juntamente com o colega José Cardeira, decidimos ir a esta Faculdade para conhecer o Professor Orlando Ribeiro, do qual já tínhamos ouvido referências ao seu prestígio.

Na Faculdade de Letras disseram-nos que era mais fácil encontrar o Mestre no Centro de Estudos Geográficos, ali bem perto, e assim fizemos. Fomos recebidos por um senhor que, com um ar muito sério, mas delicado, quase paternal, indagou ao que íamos. Era (soubemos depois) o António Machado Guerreiro, que se aprestou a ir ver se o “Senhor Professor” nos podia atender naquele momento. Perante resposta positiva fomos introduzidos no gabinete do Mestre que nos recebeu entre surpreendido e divertido pois, como nos diria, era a primeira vez que futuros alunos pretendiam conhecê-lo em pessoa.

E conversámos demoradamente. Lamentámos o facto de não termos qualquer ensinamento de Geografia nos dois anos da Faculdade de Ciências, bem como a frequência obrigatória de cadeiras gerais de Matemática, de Física, de Botânica, de Zoo-

¹ Geógrafo. Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Lisboa. Colaborador do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa. Membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa de História. E-mail: idoamaral@hotmail.com

logia, de Mineralogia e de outras mais, sem quaisquer referências geográficas. O Mestre ficou satisfeito por saber que, além de nós, iria ter, pela primeira vez, um número razoável de alunos de Geografia, contando-se entre eles uma meia dúzia de empregados em vários Serviços. Informou-nos, com certo humor, que nesse ano lectivo tinha $\frac{1}{2}$ aluno, isto é, um único aluno para as duas cadeiras semestrais que então regia: História da Geografia e Etnografia Portuguesa. As disciplinas fundamentais de Geografia Física e de Geografia Humana estavam a cargo de um Professor mais antigo e pouco interessante, bastante alheio ao espírito novo da nossa Ciência.

Através do algarvio Cardeira quis o Mestre saber notícias do Algarve e do Dr. José Neves, professor liceal que lhe merecia o maior respeito; de mim, o angolano de Luanda, o que se passava na minha terra, de onde me ausentara havia alguns anos. Findo o encontro voltámos ao “Sr. Guerreiro”, com a recomendação de ele nos acolher e prestar ajuda sempre que achássemos necessário. Mostrou-nos as instalações, falou-nos dos colaboradores que então existiam, das publicações – ainda era tudo em números pequenos – e, sobretudo, do XVI.º Congresso Internacional de Geografia, realizado em Lisboa, em 1949, organizado por uma equipa muito reduzida chefiada pelo Mestre.

Meses depois iniciámos a frequência assídua do Centro de Estudos Geográficos, atenciosamente acolhidos pelo senhor de ar tranquilo, um alentejano-quase algarvio de Colos, sempre bem disposto, ainda que não o parecesse. Tinha um humor sóbrio mas devastador. Ouvi-lo-ia contar várias vezes, a diversos alunos, que, ainda muito jovem, tivera uma inesquecível primeira experiência com a electricidade. Depois de admirar a luz emitida por uma lâmpada no extremo de um fio, tivera a curiosidade de saber para que serviria uma pequena caixa com dois buraquinhos fixada numa parede. Encostou-lhes as pontas dos dedos e apanhou um choque. Ficou inteiramente esclarecido. Ao recordar o acontecimento, tinha um objectivo: acordar nos espíritos dos que o ouviam que o conhecimento se enriquecia com a experiência pessoal.

Entrara para o Centro por via do Fundo de Desemprego, com fracas habilitações literárias. Isso não o impedia de fazer um pouco de tudo: cuidava da parte administrativa, dactilografava manuscritos de textos científicos, tinha artes de electricista e de canalizador, cortava e colava mapas em pano-cru, fazia fichas e ordenava ficheiros, arrumava livros e revistas; aprendera alguns fundamentos de cartografia, de perfis topográficos e geológicos, de leitura e interpretação de mapas. Muitos alunos tiraram partido da sua experiência relacionada com escalas, curvas de nível e suas equidistâncias, *hachures* e outras convenções cartográficas, tipos de mapas, gerais e temáticos, e ainda com a melhor maneira de procurar referências bibliográficas ou compor as partes de uma monografia!

Sobre o seu humor recordo mais dois episódios. Contava ele que, tendo-se oferecido um dia para ajudar em tarefas científicas, o Professor Orlando Ribeiro o incumbira de ordenar um número muito elevado de fichas de topónimos portugueses extraídos de mapas de várias escalas, de A a Z, começando, evidentemente, pela primeira letra (Aa, Ab, Ac, e assim por diante). Ao fim de algum tempo de trabalho demasiado rotineiro, solicitou ao Professor que o autorizasse a inverter a ordem, recuando a partir do Z (Zu a Za, e na continuação por recuo progressivo) de modo a modificar a monotonia do sentido da rotina! Alguns anos mais tarde, em prova oral de Geografia do então 1.º Ciclo liceal, ao pedido da examinadora para que enunciasse os nomes dos rios europeus da vertente atlântica, que era hábito memorizar-se e dizer-se do norte para o sul, o Machado Guerreiro decidiu mencioná-los, todos, sem falha alguma, mas de sul para norte. A examinadora, distraída ou perturbada pelo insólito da resposta, caiu na esparrela de observar que a resposta estava errada! Mas não estava, não. O Guerreiro decidira apenas

inverter a ordem adoptada no compêndio único. Como prisioneiro de cadeias de rotina, habituara-se a procurar formas de se libertar delas.

Calmamente foi fazendo todo o curso liceal, sem jamais interromper ou prejudicar as imensas tarefas e responsabilidades que tinha no Centro de Estudos Geográficos, que, entretanto, não deixava de crescer em actividades científicas, em número de colaboradores, em volume de publicações e sua preparação (dactilografia de textos, contactos com as tipografias, *n* revisões de provas, etc.), em dimensões físicas e conteúdos, em verbas provenientes de várias fontes, para as quais era necessário manter escritas contabilísticas separadas. O António Machado Guerreiro, para uns o Guerreiro, para outros o Sr. Guerreiro, mais tarde o Dr. Guerreiro, conseguia abarcar tudo, mantendo sempre o ar tranquilo que a todos inculcia confiança total. Mesmo quando não se dizia, pensava-se: “o Guerreiro resolve”. Não me lembro de alguma vez o ter visto fortemente zangado, de usar palavreado soez salvo, neste caso, quando transmitia uma anedota popular, matéria que constituía seu objecto de recolha etnográfica, ou recordava o texto de algum autor que o tinha utilizado. Era senhor de uma memória privilegiada e de uma vontade indómita de ser útil. Paciente e competentemente cultivava a língua portuguesa; conhecia bem o vocabulário ortográfico do Prof. Rebelo Gonçalves, cujo texto mantinha junto de si, na sua secretária, manuseava “amorosamente” os dicionários, e dominava os rigores da pontuação. Nunca esqueci quanto aproveitei das suas observações pertinentes na altura em que fez o favor de dactilografar a minha dissertação de licenciatura e posteriormente nas revisões tipográficas de muitos dos meus trabalhos. Ao princípio fui recalcitrante, mas com o tempo passei a apoiar-me bastante nas suas sábias opiniões. “Ó Doutor, não acha que ... ficaria melhor desta forma?”, era o intróito para uma proposta de alteração em qualquer coisa. Ouvi algumas vezes o Professor Orlando Ribeiro chamar o Guerreiro para lhe pedir a opinião sobre uma frase ou uma página que acabara de escrever, com as palavras de “veja lá se isto está bem”.

Não admira que, chegada a hora de entrar para a Universidade, tivesse escolhido Filologia e não Geografia, como tudo poderia ter levado a crer, por tantos anos de presença quotidiana no Centro de Estudos Geográficos, do qual conhecia, melhor do que ninguém, todos os cantos e conteúdos, e de convivência com geógrafos de várias gerações, tendências e graduações. Era quase impossível a alguém, geógrafo ou não geógrafo, frequentar o sector da Geografia sem conhecer o António Machado Guerreiro.

Conheci-o melhor e pude admirar mais de perto as suas excelsas qualidades quando assumi as funções de Secretário do Centro de Estudos Geográficos, numa altura em que este recebia apoios financeiros da Junta de Investigações Científicas do Ultramar para três Missões com trabalhos de campo em territórios ultramarinos e um Agrupamento de Preparação de Geógrafos, e se iniciavam os apoios financeiros da Fundação Calouste Gulbenkian; aumentavam também substancialmente as verbas concedidas pelo Instituto de Alta Cultura (organismo do Ministério da Educação, criador do Centro em Abril de 1943) pela introdução da modalidade de projectos de investigação, entrava em funcionamento o Laboratório de Geomorfologia (o Centro, se não foi o primeiro, terá sido o segundo do País a ter um aparelho de análise térmica de argilas), aumentavam mais rapidamente os fundos documentais (bibliográficos, cartográficos e fotográficos), dilatavam-se os números de alunos e de docentes, de pessoal administrativo e técnico, e, finalmente, preparavam-se os primeiros números da tão sonhada Revista de Geografia – a nossa *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia* – e as colecções *Chorographia* e *Memórias*, etc. Pois todo o trabalho rotineiro, sem que tal signifique menosprezo, de modo algum, era assegurado pelo António Machado Guerreiro.

Era um homem fervilhante de ideias, que apresentava diplomaticamente, por meias palavras, deixando, muitas vezes, que outros se aproveitassem delas, como se tivessem sido de sua autoria. Recordo aqui como, nos finais dos anos 50 do século passado, deu uma colaboração importante e preciosa ao pequeno grupo de geógrafos veteranos que pugnavam pela constituição da primeira Associação de Geógrafos Portugueses. Dactilografou várias versões da proposta de estatutos, ajudou a organizar um almoço com a presença de muitos geógrafos no Restaurante de Monsanto, em que foi aprovado um texto final. Acompanhou-nos ao Ministério de Educação, ainda no Campo de Santana, para entrega da proposta de constituição e Estatuto da Associação, e do respectivo requerimento em papel selado para aprovação oficial. Infelizmente, nunca houve resposta das instâncias superiores, e “morreu” aí a primeira fase do projecto tão acarinhado e laboriosamente estudado.

Trabalhava-se arduamente no Centro de Estudos Geográficos, com um verdadeiro espírito de missão participado por todos os que nele prestavam serviços. Raramente se olhava a horários. O António Machado Guerreiro era sempre o último a sair do Centro, muitas vezes por insistência do porteiro da Faculdade que precisava de garantir o encerramento diário da última porta. Antes de eu próprio entrar para a carreira universitária trabalhei numa firma francesa de construção de refinarias de petróleo (participação na da Sacor, em Cabo Ruivo) e em duas instituições bancárias (uma em Lisboa e outra, por pouco tempo, em Luanda). É claro que a dimensão do Centro estava muitíssimo longe de se equiparar às de qualquer delas. Mas o que importa recordar é o espírito de missão que animava todos os seus colaboradores, de entrega quase total isenta de outras ambições que não fossem as da maior valia científica de um núcleo que se afirmava no país e fora dele.

Com o Machado Guerreiro intervalávamos as canseiras da gestão – as quais se juntavam às dos trabalhos académicos, eu como geógrafo, docente e investigador, ele como estudante de Filologia – com conversas sobre outros temas que nos interessavam. Sobretudo em fins de tarde, quando amainava o movimento de utentes do Centro, encostados a uma das janelas, no meu gabinete ou na Secretaria, discorriamos sobre teatro e a qualidade das peças que tínhamos visto representadas. Ainda me lembro do quanto aplaudimos o Teatro da Faculdade, onde o Luís Miguel Cintra e outros colegas que com ele viriam a constituir a Cornucópia deram os primeiros passos nessa arte, no palco do Anfiteatro I. Noutras ocasiões eram os grandes escritores portugueses que animavam os nossos momentos de devaneio literário: dos clássicos aos contemporâneos, e entre estes, por exemplo, Manuel da Fonseca, Soeiro Pereira Gomes, Augusto Abelaira, Carlos de Oliveira, Vergílio Ferreira, José Cardoso Pires e tantos, tantos outros. É claro que Fernando Pessoa e os seus heterónimos mereciam especial atenção. Lembro-me ainda das nossas discordâncias sobre algumas obras, nomeadamente *Húmus* e *O Avejão*, ambos de Raul Brandão, de 1917 e 1929, respectivamente, que o Machado Guerreiro tanto apreciava.

O António Machado Guerreiro era um Homem Simples, que adorava cultivar-se; de Honestidade Transparente, com a preocupação de honrar os seus compromissos; de sólida Formação Moral, que gostava de fazer Amigos e do diálogo salutar. Que Deus o guarde em bom lugar!